



Patrícia Carreiro\*

*Communicare: tornar comum*

## Que esperança nos traz a poesia?

Que esperança nos traz a poesia?

*E amanhã será melhor do que foi ontem  
do que é hoje só por que vos quero tanto e mais  
que tudo*

Nem velha nem nova: simplesmente esperança. É o que sentimos ao ler o livro *Esperança Velha*, de Aníbal Pires, uma edição da Letras Lavadas.

Gostei logo do livro ao ver o título e a aguarela que figura na capa. O título porque nos traz esperança e um bom motivo para nos sentarmos a ler; a aguarela, porque nos dá uma ideia da evolução e daquilo que andamos aqui a fazer. As aguarelas são de Ana Rita Afonso e tornam o livro numa obra de arte a dobrar.

Tenho que admitir que nunca havia lido um livro de Aníbal Pires de fio a pavio, apenas alguns poemas soltos ou crónicas encontradas aqui e ali. Asneira. Da grossa. Lá darei aquela justificação de que não era muito dada, antes, a poesias. Agora parece que sou! E que feliz que fico por isso.

A poesia do Aníbal devolve-nos a esperança nova que nos dias mais tristes só nos sabe aparecer como velha; uma esperança velha que – afinal – não tem que ser um aspeto negativo, mas sim um motor para vivermos melhor os momentos mais intensos, mais felizes ou mais infelizes, e para nos capacitarmos de que para se ter felicidade é preciso perder algumas pérolas pelo caminho.

*Esperança Velha* é o nome de um lugar na Graciosa, questão que desconhecia, e tudo faz mais sentido com este nome quando vemos aqui mulheres cansadas de uma vida inteira de

trabalho ou filhos que não sabem dizer como amam aqueles que os trouxeram ao mundo; as suas raízes, os seus passos adiantados neste mundo, muitas vezes mudo, que não sabemos como interpretar.

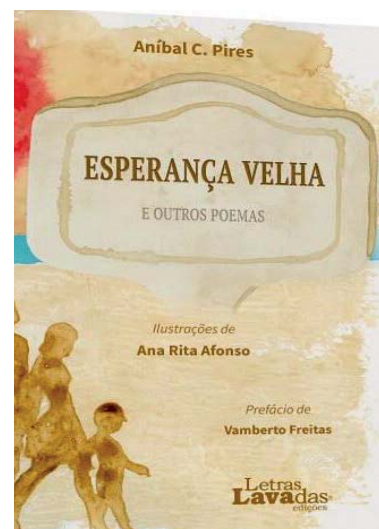
Aqui encontramos famílias inteiras que evoluem, que perdem, que conquistam, que superam rotinas devoradoras de corações e de felicidades.

Aqui sentimos o impacto da cor, do traço desenhado, do coração quebrado, do instinto que se sente quando se escreve ou quando se pinta, e a leveza que nasce logo a seguir a este processo.

Neste livro voltei a ser menina que, feita mulher, caminhei, perdurei e resisti, porque sonho, porque quero continuar a sonhar. Ou enquanto continuar a sonhar. E nesta frase cito, de outra forma, o autor, puxando para mim a parte de um poema que tanto me tocou. E não é para isso que serve a poesia? Para nos tocar intimamente, sem que mais ninguém perceba? Eu, enquanto leitora, penso que sim!

Senti nestas páginas uma alegria interior que às vezes me morre, como de resto a todos nós, e senti-a como “nova, como a utopia/ chama-se esperança/ e/ não morre/ vive”.

E não morri quando acabei de ler este livro; vivi, ao invés. Sabem quando a mente está naquele momento ausente, no passado que já não volta e que nos deixa confusos e insatisfeitos? Este livro traz-nos de volta e faz-nos esquecer que “partiste/ e a tua ausência/ cavou um vazio/ para a saudade habitar”, mas que era assim que tinha de ser; a saudade é algo que irá sempre perdurar, independentemente da situação ou da forma de a sentir.



O que seríamos nós sem a saudade, seja qual for a idade, seja qual for o momento?

E o que seremos nós se depois disso não vier a esperança, viva, eterna, a que não morre, mesmo quando está velha?

Além disso, este livro tem aquilo por que não passei e que muita curiosidade me traz. Tem o 25 de abril, tem a revolução feita com cravos e com sentimentos, tal como aquelas revoluções que travamos diariamente, connosco ou com o mundo, e que nos fazem ficar por aqui: vivos. Reconheci na escrita de Aníbal Pires um motivo para continuarmos a ler, a escrever e a utilizar estes dois meios de comunicação como uma terapia que nos tranquiliza e nos eleva a outro nível.

Afinal, há sempre esperança. Mesmo que ela seja velha!

\*[www.patriciacarreiro.blogspot.com](http://www.patriciacarreiro.blogspot.com)



Dionísio Fernandes

## Cumplicidade

A primeira associação mental livre que fazemos ao ler a palavra cumplicidade é com alguma coisa ilegal, ou fora da lei e os bons costumes (?).

Para é o conteúdo e a forma como duas, ou mais, pessoas partilham a sua intimidade, segredos, emoções, etc, defendendo-se de ameaças externas.

Cumplicidade.

Se a enquadrarmos em qualquer tipo de vínculo, marital, de amizade ou familiar, para que este seja saudável, vamos encontrar uma relação directamente proporcional com o respeito.

Se a cumplicidade é plena então o respeito já está incluído, ou curiosamente/contraditoriamente (mais um dilema) ausente, se não é plena, então há necessidade de respeitar o tempo e o espaço do outro.

parece simples, senão impossível.

Para além do respeito, há que lembrar que a cumplicidade presuppõe igualdade.

Para haver cumplicidade não pode ser considerada dependência, ou que uma das pessoas possua poder ou controlo sobre outra.

Porque cumplicidade também presuppõe auxílio, apoio, ajuda, benquerença, etc, sem “cobranças”. Quando um pensa que o outro, mais cedo ou mais tarde, lhe vai pedir algo em troca por esta cumplicidade, ela deixa de ter o valor absoluto que devia ter.

Cumplicidade é partilhar tudo, tudo mesmo, sem exceção, e assim ambos sentirem estabilidade e confiança, dentro do grupo (por mais pequeno que ele seja) e fora dele.

Sentir que o seu sucesso lá fora vai ser apoiado incondicionalmente cá dentro.

Sei, ou devemos saber, que muita coisa anda de “mãos dadas” com a cumplicidade, ou em maior ou menor quantidade, exceto a humilhação.

Esta não “entra” em momento algum entre quem é cúmplice.

parece simples, senão impossível.

Haja saúde